



(SOBRE)TUDO

LEANDRA CORDEIRO
Psicóloga Clínica

MÚSICA

FILIPE CARMO



LEITURAS

MANUELA BARRETO NUNES



INOVAÇÃO

NUNO MATEIRO

AMOR: SINAIS SEM TEMPO

Talvez sejamos crianças, alimentados uma vida inteira naquele jogo infantil das pétalas: Bem-me-quer, Mal-me-quer.

Quando se procuram diferenças entre as relações de agora e as relações de outrora, tentando fazer-se comparações numa amálgama confusa entre vantagens e desvantagens, é fácil perdermos de vista pressupostos fundamentais.

Ser feliz. O objectivo de qualquer pessoa mantém-se mais ou menos inalterado e primordial. Na cabeça (ou no coração, se quiserem) da maioria das pessoas quando dizem que querem ser felizes, é em primeira instância, sentirem-se acompanhados. Gostar e serem gostados. Invariavelmente, a primeira motivação humana será sempre o desejo de se ser reconhecido e amado pelos outros. Sobretudo, por aqueles que se tornam mais ou menos importantes, ao longo da nossa vida.

Se pudéssemos juntar o melhor dos dois mundos, talvez transportasse a privacidade e a dimensão simbólica dos proibidos e do segredo que alimentava o imaginário de há uns anos atrás. Porque pensar é pecado. No bom sentido do termo, claro. Alimenta. Permite o sonho e a fantasia.

Com a revolução tecnológica talvez nos tenhamos tornado muito automatizados. Menos emocionais. Permitindo-se ver o outro quase como extensão do ego, sem se reconhecer a proximidade e a intimidade de ser.

Por outro lado, hoje a premissa de que as paixões não duram uma vida inteira e que nem sempre se é feliz para o resto da vida, dá liberdade às pessoas de a qualquer momento poderem recomeçar (a viver). E a amar com a responsabilidade de que tudo que não for cuidado (ou alimentado, como diz o provérbio), acaba por morrer.

Talvez sejamos crianças, alimentados uma vida inteira naquele jogo infantil das pétalas: Bem-me-quer, Mal-me-quer.

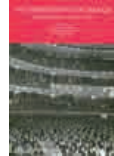
Porque é sobretudo o amor que nos agiganta, ao mesmo tempo que nos torna pequeninos.

FLOATING POINTS - ELAENIA



“Elaenia” foi trabalhado intermitentemente durante cinco anos por Sam Shepherd. Durante este tempo de gestação, sob o nome Floating Points, o britânico lançou vários singles e eps, todos eles reflectindo um estilo metódico e imaculado de densas faixas que revelam o eclecticismo de um curador musical obsessivo. O perfeccionismo existente nessas faixas traem a natureza da sua criação. O single “Nuits Sonores”, um colosso melancólico de onze minutos foi criado numa viagem de avião. “Vacuum Boogie” nasceu de uma viagem de comboio entre Londres e Manchester. Mas durante a sua carreira, quando Shepherd entrava num ambiente mental específico, ele tentava o capturar no processo musical contínuo que se tornaria em “Elaenia”. No que resultaram esses cinco anos de explorações sonoras profundamente pessoais? Começando por filtrar através de categorização, o álbum de estreia de Floating Points é imediatamente desafiador. Consegue-se reconhecer jazz, eletrónica, neo-clássica e uma miríade de outros géneros tão enraizados na essência do artista que dificilmente se revelam abertamente. Tematicamente, “Elaenia” percorre uma viagem abstracta de fragilidade e determinação face a densas adversidades. Algo diminuto e efémero deparado com um ambiente de uma escala imponente. A sua produção espaçosa e sempre delicada oferece-nos momentos de êxtase bombásticos e outros de uma intensa quietude deconcertante. É impossível não ficar emocionalmente envolvido na evolução de cada faixa, vividamente construídas de suaves partículas sonoras que borbulham ao lado de longas pinceladas de impressionantes cores sintetizadas. Quando o álbum chega ao seu final climático, é difícil de o sobreviver sem um coração partido e vontade de mais. Mais de Floating Points e mais da vida. Não é controverso antecipar “Elaenia” como um clássico moderno. Um intemporal *tour de force* e um favorito pessoal.

DEMOCRATAS



Em 2014, por ocasião da celebração dos 40 anos do 25 de Abril, o Conselho Cultural da Universidade do Minho editou um livro que pretendia evocar a resistência à ditadura no distrito de Braga, através de depoimentos e testemunhos de combatentes desses tempos. *Os democratas de Braga: testemunhos e evocações* (Universidade do Minho; Húmus, 2014) constitui-se como um documento histórico escrito na primeira pessoa, com um valor documental, político e humano único no contexto da História recente de Portugal.

Desengane-se o leitor que, ao ver a menção ao distrito de Braga, duvida do interesse que despertará num Beirão um tal livro de memórias. É que, nesta obra, encontra retratada e ilustrada com iconografia da época, toda a história do combate político pela democracia no século XX em Portugal, tal como foi vivida pelos protagonistas, nas suas esperanças, receios, polémicas e contradições, aparecendo não só como um conjunto de relatos de leitura aliciante, mas também como matéria de aprendizagem e reflexão sobre as circunstâncias peculiares da vida política contemporânea, e das raízes do comportamento de uma esquerda que hoje, apenas hoje, dá os primeiros passos para um entendimento ao nível da governação.

Lemos aqui testemunhos e evocações de pessoas corajosas, que enfrentaram perseguições, a prisão e o exílio, gente que não aceitou “a recusa da dimensão política” que, citando Irene Pimentel, os portugueses interiorizaram e tornou possível a longa duração da ditadura de Salazar e Marcelo. Desta cultura de luta e batalhas, complexa e muitas vezes contraditória, nasceu um modo particular de entender e praticar a política. Olhá-la 40 anos depois é uma forma de melhor compreender os sinais que indicam que estes são tempos de mudança.

RENAS

A narrativa descreve um caçador que, cego pela visão estreita da sua mira telescópica, começa a abater o que aparenta serem alces

Recentemente coloquei (ou será que devo dizer postei?) nas redes sociais um filme sobre o Natal. Queria com isto tomar a dianteira - inovação *oblige* - do substituto corrente do postal de boas festas. Achei o filme bastante profundo e duro. Mais do que cru, cruel. Mas também o Natal o é. Pelo menos o de agora. A narrativa descreve um caçador que, cego pela visão estreita da sua mira telescópica, começa a abater o que aparenta serem alces. Um após outro, os animais são cruelmente abatidos. A recompensa seria talvez uma parede recheada de ignóbeis troféus mas, ao invés disso, o caçador recebe como prémio a constatação de que dizimou as renas do trenó do Pai Natal. Inúmeras leituras aqui se poderiam fazer: O foco estreito e redutor não permitiu uma visão global, a ânsia desmesurada leva a actos inconsequentes, a competitividade desmesurada potencia o atropelo de valores, a ganância leva à escassez, o agora hipoteca o depois e por aí fora...

Mas não. A leitura que constatei ser feita foi muito mais imediata. E também ela crua. Do tipo gosto/não gosto. O tal do like. Excepções houve, claro. Estas coisas são sempre facas de dois legumes. A minha percepção do que rodeou aquele filme reforçou uma noção do comodismo e imediatismo com que a tecnologia nos seduz... e por vezes reduz. Já é possível protestar sem sair do sofá. Já se confunde sadismo com sarcasmo que por sua vez rima com pasmo. Por falar em confundir, sei que a faca tem dois gumes. Estava a ser cómico, ou será talvez irónico?...

Escrito com ortografia pré-desacordo